

GRIFO

Nº 70
AGOSTO
2026

O JORNAL QUE RI

Diploma de jornalismo
MAIS QUE DEBATER, EXIGIR
P 9 E 11

Finanças públicas
A MENTIRA DA DÍVIDA
P 4

Cultura geral
LIVROS, EXPOSIÇÃO, ENTREVISTA
P 17 A 24



setembro
QUENTE

Sch

1,8 grau acima da média

Faltava essa: exatamente 30 dias antes das eleições, a agência de notícias **Pública** divulga que uma bet está promovendo apostas sobre a corrida eleitoral. No mesmo dia 4, outra notícia acusava Nikolas Ferreira, deputado federal do PL mineiro, de publicar um laudo falso, produzido por IA provando sua inocência no caso Vorcaro, como se fosse da Polícia Federal. É assim, com esses diferenciais, que setembro se credencia ao calendário político de 2026.

A entrada das bets no país foi pelas beiradas: liberação no governo Temer, nenhuma regulamentação no governo Bolsonaro e só em 2023 se conseguiu estabelecer as primeiras regras. Depois de muito estrago em orçamentos familiares. Nem assim o novo regramento impediu a investida na disputa política. Investida reveladora: hypando Flávio Bolsonaro.

Pelo jeito esse é o ritmo desta campanha. Poucos dias, muitos fatos, ou *fakes*, ou *deep fakes*. Em agosto, o vice-presidente do TSE, o "terrivelmente evangélico" André Mendonça, indicado por Bolsonaro, ressuscitou o lavajatismo no STF, abriu guerra com a Polícia Federal, ou pelo menos com parte dela, e ungiu uma suspeita sem provas contra Fábio da Silva, o filho de Lula que nunca na vida teve o apelido de Lulinha. Mas demora para investigar as ligações entre o banqueiro preso Vorcaro e o filho de Bolsonaro que é senador e candidato a presidente.

A mídia repete a estratégia de toda sua história: apoio ao conservadorismo e combate ao progressismo. Mesmo que esse progressismo não ameace o capitalismo. O exemplo simbólico da estratégia foi a semana de entrevistas com candidatos à presidência, chamadas de sabatina, como se a mídia tivesse autoridade e qualificação para isso. Com Lula, a virulência interrogativa e intolerância com as respostas foi a mais intensa. Em outros casos, quase houve condescendência.

O mês de campanha se completa com pesquisas praticamente diárias, denúncias de bots ajudando candidatos, interpretações apressadas, articulações contra o fim da escala 6X1, tensões e temores ainda mais fortes que em 2018 e ameaças climáticas.

Não é só o El Niño que ameaça subir a temperatura além do recomendável. (Marco Schuster)

O Grifo de Kayser



GRIFO

Jornal de humor e política, desde outubro de 2020.

Eletrônico, mensal e gratuito. Publicação de cartunistas da **Grafar** (Grafistas Associados do RS)

Editores: Celso Augusto Schröder e Marco Antonio Schuster

Editores adjuntos: Celso Vicenzi e Gilmar Eitelwein

Diagramação: Laura Santos Rocha

Mídias sociais: Lu Vieira

PARTICIPAM DESTA EDIÇÃO

Cuba: Jorge Sanches Arias e Brady Izquierdo

Espírito Santo: Bira Dantas

Rio de Janeiro: Máximo e Miguel Paiva

Rio Grande do Sul: Alexandre Cruz, Alisson, Bier, Carlos Roberto Winckler, Dóro, Edgar Vasques, Elias, Ernani Ssó, Fabiane Langona, Fetter, Gilmar Eitelwein, Graça Craidy, Juska, Kayser, Lu Vieira, Luiz Faria, Marco Schuster, Máucio, Óscar Fuchs, Paulo de Tarso Riccardi, Rodrigo Stumpf González e Schröder

Santa Catarina: Celso Vicenzi

São Paulo: Carlos Castelo e Mouzar Benedito

Arte da capa: Schröder

Leia aqui todas as edições do **GRIFO**
<https://linktr.ee/Jornalgrifo>



Receba o Grifo grátis e em primeira mão

Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 1

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 2

CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 3



MÁXIMO

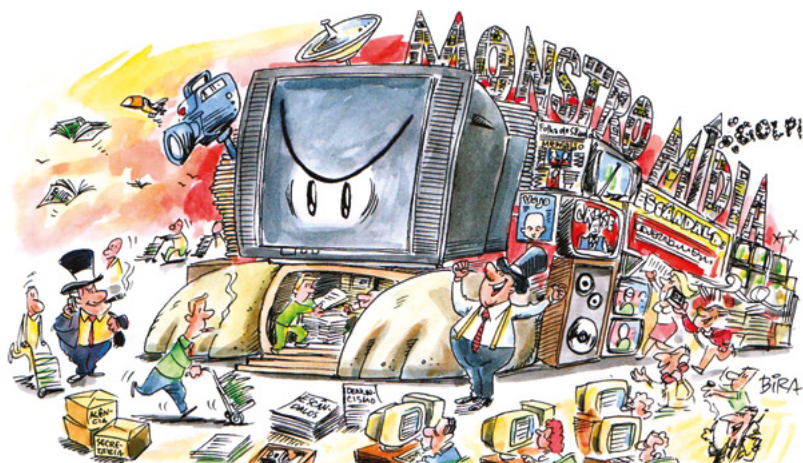
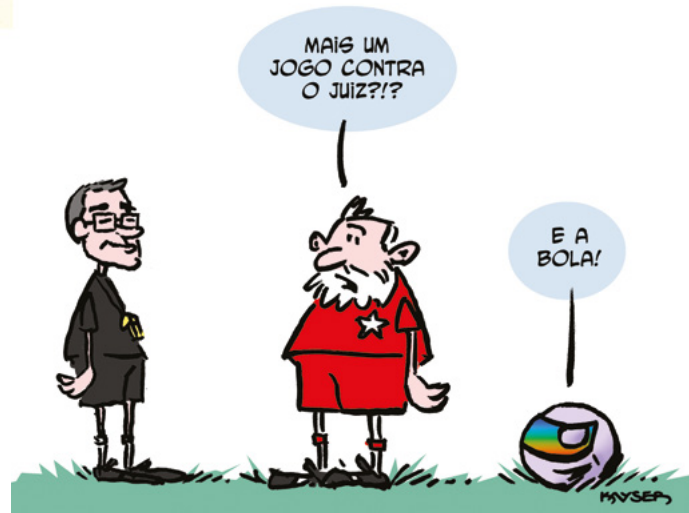
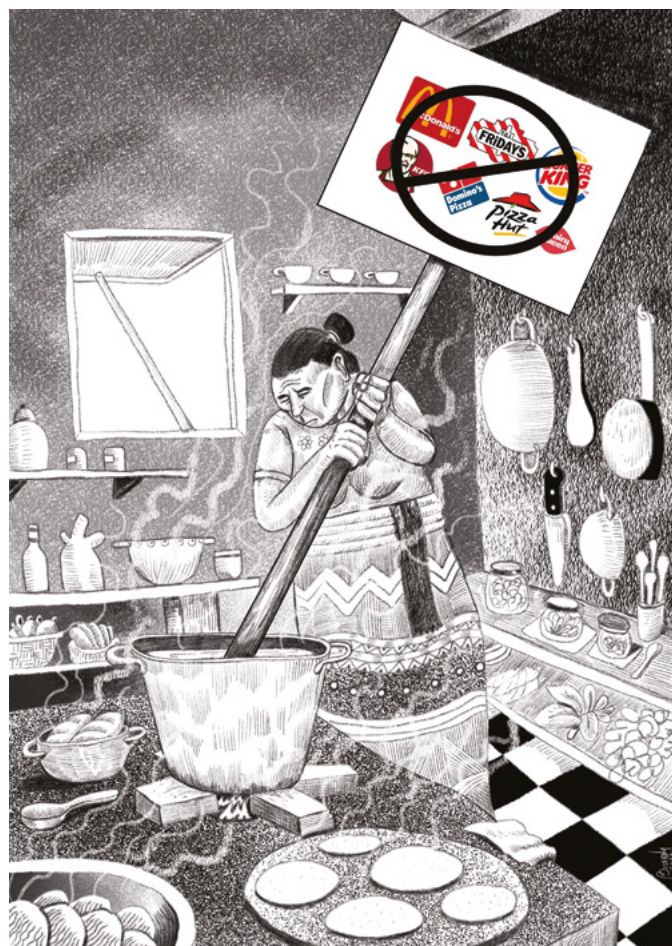
Não vão levar!

Nem só de colocar o STF na campanha eleitoral vive a extrema direita brasileira. Soma aí a lenga-lenga da dívida pública, proposição de doar riquezas nacionais ao governo Trump, manipulação do discurso sobre soberania, apoio a bets, mentiras sobre ditaduras, adversários e o governo Lula. E distorção constante de religiosidade, esquecendo a máxima “meu reino não é desse mundo”.

Como diz Gilmar Eitelwein, o “Evangelistão quer tocar o terror! Mas não vai levar”.

Nem no Executivo, nem no Congresso. **(Marco Schuster)**





A (falsa) narrativa da dívida

Luiz Augusto Faria

O pequeno grupo de economistas (são sempre os mesmos) ouvido dia sim e outro também por todas as mídias comerciais assume um ar professoral para - como seus aprendizes no mercado financeiro - recomendar que, da mesma forma que uma dona de casa (alô misoginia) deve cuidar em manter seu orçamento equilibrado e não se endividar demais, para o governo vale a mesma lição. Ora, a comparação é completamente falsa. O Estado, diferente das pessoas comuns, não só não precisa e nem deve pagar sua dívida como é quem cria a moeda. Vejamos como isso se dá.

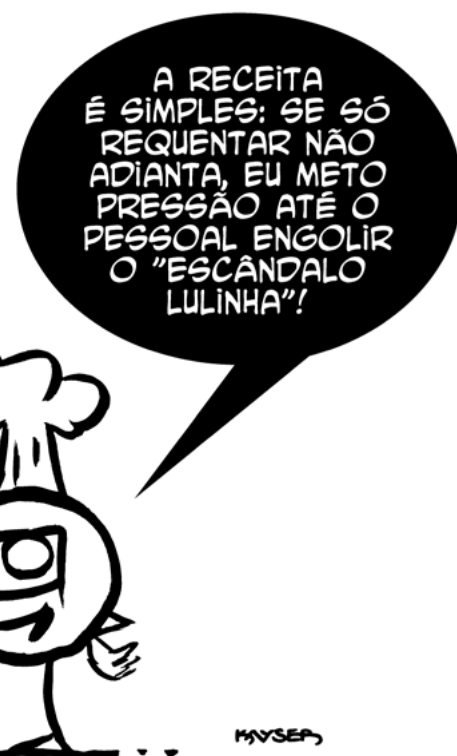
Títulos que o Governo Federal emite são a parte mais importante do patrimônio dos capitalistas e mesmo da classe média que consegue poupar em algum fundo de investimento. É a partir desse necessariamente grande estoque de riqueza financeira que se cria o crédito para os investimentos em tempos de otimismo ou se refugiam os capitais em tempos aziagos. A contraparte desse valor é o dinheiro em circulação, moedas, notas em papel e, principalmente, depósitos bancários que pagam o consumo e o investimento. Ambos são criados pelo Estado “do nada”, não existe nenhuma necessidade ou força que anteceda a emissão de moeda ou de dívida.

Quando governos necessitam fazer gastos com serviços de saúde ou educação e com investimentos em obras de infraestrutura, usam

o dinheiro dos tributos, criam moeda ou emitem mais dívida. É a forma como ajudam a gerar produtos e serviços que medimos como PIB. Mas atenção: quando o gasto público é financiado por imposto, dinheiro subtraído da população, reduz-se o consumo. Para ter um efeito positivo sobre o crescimento econômico, o gasto precisa ser maior do que a receita tributária. O famoso superávit do orçamento, eterna recomendação daqueles economistas de falsa ciência, é unicamente destruição do dinheiro arrecadado a mais da população com impostos.

Isso não quer dizer que não se deva financiar gastos com tributos, principalmente por seu efeito distributivo. Cobrar imposto de renda dos ricos e com esse valor financiar o SUS é uma dessas políticas de redistribuição de renda. E mesmo se quem paga o imposto é o usuário do SUS e não o cliente da medicina comercial, ainda assim pode haver benefício, pois sem o planejamento e a racionalização de recursos do serviço público, a cobertura e a atenção à saúde seriam piores.

Acontece que essa não é a questão central, o mais importante fica escondido na narrativa do “descontrole fiscal”: é quem se



beneficia da dívida pública que paga juros exorbitantes no Brasil. Eram mais de R\$ 9 trilhões (o PIB é de R\$ 13 trilhões) em junho de 2026 depois de um crescimento de R\$ 723 bilhões no primeiro semestre. Esse aumento é resultado dos juros estratosféricos de 14% que o Banco Central definiu para contentar os agentes do mercado financeiro - aqueles que contratam os tais economistas - e suas “expectativas” sobre a inflação e a dívida no futuro. Como esses senhores são os maiores beneficiários disso, sempre vão dizer que ambas não estão “ancoradas” e, por isso, os juros devem permanecer elevados.

Do total de R\$ 3,8 trilhões de gastos do Tesouro Nacional neste ano até agosto, 48,5 % foram com juros, amortizações e refinanciamento da dívida, R\$ 1,8trilhão. Se a previdência, no mesmo período, custou R\$ 702 bilhões, a saúde R\$ 151 bilhões e a educação R\$ 110 bilhões, qual é mesmo o gasto que compromete o orçamento público? As finanças públicas brasileiras são a maior máquina de enriquecimento privado e concentração de renda em favor dos tubarões do mercado financeiro que a história já inventou, possivelmente em todo o mundo.



Os dilemas da democracia no Brasil

Rodrigo González

Em 2026 realizaremos a 10ª eleição direta para presidente desde a redemocratização e, se o eleito tomar posse, será superado o período de eleições contínuas da República Velha. Os otimistas diriam que se deve comemorar o período mais longo de democracia da história brasileira. Mas 2022 acendeu um sinal de alerta.

Juan Linz e Alfred Stepan propunham que uma democracia consolidada necessita três requisitos: regras de acesso e exercício do poder bem definidas; uma elite que aceita estas regras e não busca o poder por outros meios e uma população que apoia estas regras e não apoia quem tenta burlá-las. E não cumprimos, no Brasil, plenamente, nenhuma destas condições.

No Brasil recente, não ocorreram duas eleições com as mesmas regras. A Constituição de 1988 já sofreu 138 emendas e mais estão a caminho. O orçamento impositivo e as emendas parlamentares subverteram a relação entre os poderes. As elites brasileiras repetidamente buscaram atalhos ao poder, seja pela emenda que criou a reeleição, a contestação do resultado de 2014, o impeachment de Dilma Rousseff e a tentativa de golpe de 2022. Frequentemente a população foi às ruas não para defender o regime, mas para apoiar sua derrubada como no infame 8 de janeiro de 2023.

Significa que nossa democracia foi salva por um frágil equilíbrio, em que a hipertrofia do Poder Judiciário jogou um papel relevante no desmonte do golpe de 2022, mas criou novos problemas. E que dizer do papel passivo de parte das forças militares frente ao planejamento do golpe?



Que não o apoiaram não significa que tenham sido ativas em impedi-lo. Qual seria o resultado se o governo dos EUA, ao invés de enviar mensagens contrárias ao movimento golpista, o apoiasse?

O país está melhor hoje do que há 40 anos, isto não se pode negar. Mas muitas das mudanças necessárias não foram feitas quando houve a oportunidade. Marcello Baquero, nos anos 90, caracterizou a cultura política brasileira como híbrida, com o apoio à democracia convivendo com práticas tradicionais como o clientelismo e o patrimonialismo. Nem os governos progressistas romperam estas práticas, mantidas sob a justificativa da governabilidade e do “presidencialismo de coalizão”.

Se queremos romper com este ciclo e construir uma democracia mais sólida, é preciso começar com a juventude. Para construir uma nova elite no futuro, é preciso discutir política nas escolas, sem medo das divergências. Romper tanto com o discurso conservador de que isto é doutrinação, como o medo da esquerda

da volta ao modelo da educação moral e cívica. Um estudante não pode sair da escola sem saber como funciona o sistema eleitoral brasileiro e quais são as competências dos poderes.

É preciso fazer uma reforma política que vá além dos interesses dos atuais representantes e. A Constituição de 1988 apontou para a ampliação da participação popular nas decisões, por meio de conselhos, iniciativa popular, plebiscitos e referendos nunca totalmente implantados.

Com um interesse renovado pela prática política, talvez consigamos criar uma nova elite comprometida com os interesses do país, rompendo com as micro-identidades políticas. É preciso encontrar o que nos une, não o que nos separa.

E fundamentalmente, construir um projeto de país, com o acordo mínimo para uma proposta de futuro que seja para todos. E este projeto tem de buscar a relação pacífica e construtiva com outras nações, porque não é possível pensar a democracia em um país só.



Formação não é mordança

Alexandre Cruz

Em meio à campanha eleitoral atravessada por IA, redes sociais e desinformação, o diploma de jornalismo voltou ao STF. Em 18 de agosto, Flávio Dino e Alexandre de Moraes defenderam rediscutir a decisão de 2009 que afastou sua obrigatoriedade.

A formação não pode relativizar o sigilo da fonte nem dar ao Estado o poder de escolher quem merece as garantias do jornalismo. Esse risco não encerra a discussão sobre técnica e responsabilidade.

Na Folha, Glenn Greenwald classificou o debate como a volta de uma regra da ditadura e uma restrição à liberdade de imprensa. A exigência constava do Decreto-Lei 972, de 1969. Os ministros, porém, não propuseram restaurá-lo. A proposta aprovada no Senado, hoje PEC 206/2012 na Câmara, restabelece o diploma com exceções para colaboradores e profissionais já registrados.

Greenwald toca num ponto legítimo: se a formação definir quem tem direito ao sigilo da fonte, o diploma poderá virar licença estatal para investigar a imprensa.

Defender formação não é autorizar tutela sobre o jornalismo. Mas reduzir toda regulamentação à censura é trocar o conteúdo da discussão pela origem da norma.

Luiz Artur Ferrareto, professor de Jornalismo da Fabico/UFRGS, desloca o debate para a formação: como se obtém o conhecimento da profissão? A universidade, afirma, “é o melhor lugar para obter esse conhecimento”.

Pedro Osório, jornalista, professor e membro da Comissão de Ética do SindJoRS, traz a dimensão profissional. Para ele, o fim da obrigatoriedade fragilizou a



categoria e a sindicalização. Nas redes, multiplicaram-se pessoas que se apresentam como jornalistas sem critérios de apuração. Isso “enfraquece a categoria, enfraquece o jornalismo” e abre espaço para práticas inadequadas.

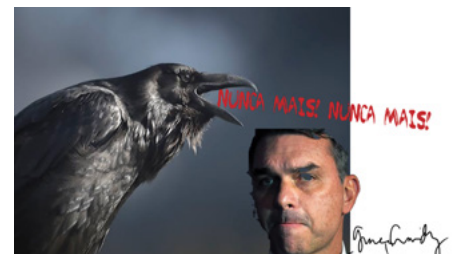
Osório também rejeita a ideia de reserva de mercado: os meios sempre acolheram articulistas, comentaristas e especialistas. Quando parte da imprensa apresenta o diploma apenas como censura, pode reforçar a “espiral do silêncio”, conceito de Elisabeth Noelle-Neumann: diante de uma opinião dominante, vozes divergentes se retraem. Isso não prova coordenação, mas mostra o poder dos meios de estreitar o debate.

Ferrareto e Osório convergem: talento, experiência e acesso às redes não substituem

formação, que articula função social, técnica e ética. Numa eleição em que a IA pode falsificar vozes, imagens e fatos, essa distinção deixa de ser corporativa e se torna democrática.

Todo cidadão pode falar, publicar e criticar. Jornalismo exige apuração, confronto de versões, contexto e responsabilidade. O diploma não produz virtude automática, mas sua imperfeição não torna a formação dispensável.

O caminho democrático evita dois extremos: a ausência de critérios e o uso do diploma como licença estatal para definir quem pode fiscalizar o poder. Jornalismo é liberdade sustentada por método, conhecimento e ética. Formação não é mordança. É condição para que a palavra não seja capturada pelo imprevisto, pelo mercado ou pelo poder.



Licence to ask

Eu sempre quis ser jornalista, embora antes tenha querido ser cientista e astronauta. A infância é a única fase da vida em que mudar de profissão três vezes por semana não prejudica o currículo.

Minha vocação definitiva nasceu na adolescência, graças a Brigitte Monfort, heroína dos livrinhos de bolso da Coleção ZZ7. Brigitte era uma agente secreta lindíssima, “de pernas provocantes”, uma espécie de James Bond de minissaia, com uma vantagem profissional sobre Double-O Seven: depois de salvar o mundo, ainda escrevia a reportagem.

Achei aquilo admirável. Hoje percebo que era inverossímil. Não a parte da espionagem internacional, dos tiroteios ou dos cadáveres. A parte em que uma jornalista tinha tempo para tudo isso. E ainda escrevia a matéria com a mão que sobrava.

Hollywood completou minha formação. Nos filmes americanos, jornalistas fumavam, bebiam, enfrentavam prefeitos corruptos, desmascaravam industriais e gritavam “parem as rotativas!” antes do fechamento. Resolvi que queria aquela vida.

Entre na faculdade Cásper Líbero.

Durante quatro anos fui cinco vezes por semana à avenida Paulista, 900 para estudar Jornalismo. Havia professores, provas, trabalhos, ética profissional, teoria da comunicação, técnicas de reportagem. Tudo muito complicado, como costumam ser as coisas antes que a gente descubra que eram muito necessárias.

Ao final, recebi meu diploma.

Mais tarde, consegui também a carteira da Fenaj. Nela estava escrito aquilo que me enchia de orgulho: “Jornalista Profissional Diplomado”. Havia ainda meu

registro no Ministério do Trabalho. Eu tinha sido oficialmente autorizado pela República a fazer perguntas inconvenientes.

Exerci a profissão por anos. Até que, um belo dia, o diploma deixou de ser obrigatório.

Nada tenho contra a liberdade profissional. Sou favorável a que qualquer cidadão possa exercer qualquer atividade para a qual se considere habilitado. Pretendo, aliás, aproveitar o princípio. Na próxima dor de dente, procurarei um influencer.

O fenômeno produziu uma democratização diferente. No passado, para ser jornalista, era preciso estudar jornalismo. Hoje basta possuir um celular, uma opinião e suficiente confiança para jamais desconfiar dela.

O repórter precisava apurar. O influencer precisa postar. O repórter perguntava: “Isso é verdade?” O

influencer pergunta: “Isso engaja?”

É lógico, existem péssimos jornalistas diplomados, assim como excelentes jornalistas sem diploma. Um pedaço de papel carimbado jamais concedeu inteligência, caráter ou talento a ninguém. Mas havia algo civilizado na ideia de que informar o público exigia preparação. Cirurgiões também cometem erros, e até agora ninguém sugeriu substituir a faculdade de medicina por seguidores no Instagram.

Continuo carregando minha carteira da Fenaj. De vez em quando olho para ela: “Jornalista Profissional Diplomado.”

É uma pequena relíquia de uma época, quando imaginávamos que, para exercer uma profissão, era conveniente conhecê-la.

Brigitte Monfort acharia graça. E, sem dúvida, investigaria o caso.



BLAU Bier



Celso Schröder



ZÉLIA E DIRCE 60+ Fuchs



Lu Vieira



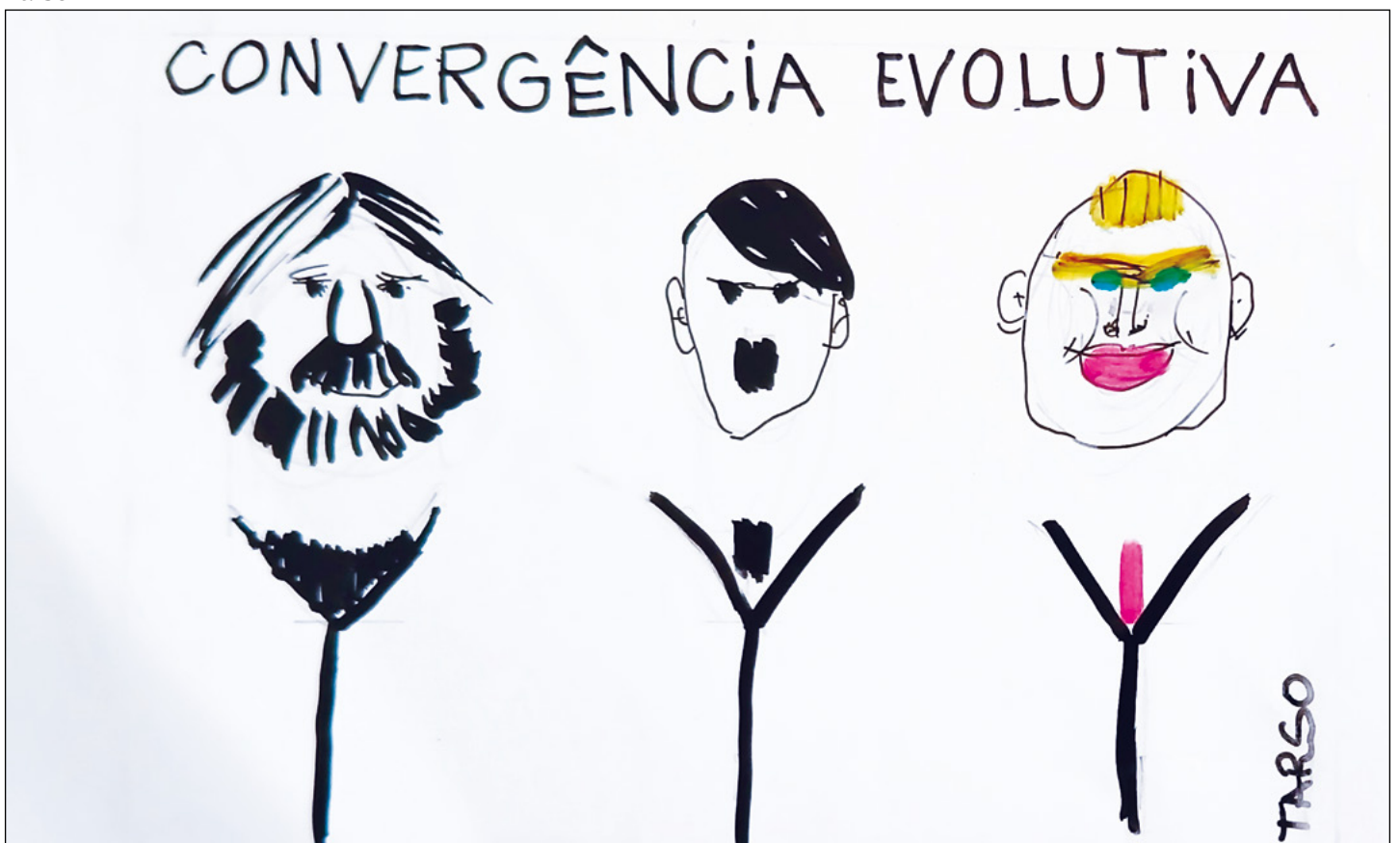
NESTE CORPO (gente reencarnada em bichos) Elias



RANGO Edgar Vasques



Tarso





BAR do NEREU

Era um gordinho de bombacha. Aboletou-se no balcão e ordenou com sotaque campeiro:
- Me dá um copo de leite.
Agenor, o lugar-tenente do Nereu, não acreditou. Pela cara, deve ter ficado em dúvida se o sujeito queria leite líquido ou aquela flor branca

que leyam pro cemitério. Era leite mesmo, aquele que sai da vaca. É claro que o estabelecimento não servia. O mais próximo daquilo era um drinque pavoroso chamado de leite de onça, que se misturava com o condensado. O homem sentou-se resignado diante de uma cerveja. Os olhares de espanto se misturaram com raríssima indagação. Antes que alguém perguntasse a respeito, logo se explicou.

- Meu avô era leiteiro.

Não resolveu. Aí prosseguiu dizendo que a família vivia numa cidadezinha perto da fronteira, onde o português e o espanhol conversam numa linguagem híbrida. Pois lá o seu avô tinha freguesia. Era reconhecido pela pontualidade e a qualidade do leite. Atrélava a charrete num burro antes do nascer do sol e partia pras entregas. De tanto fazer o percurso, o animal acabou se condicionando. Chegou a um ponto em que nem precisava mais do comando de rédeas. Fazia o percurso sozinho. O burro ficou afamado e era tratado pelos moradores com carinho e admiração. Depois de um instante de silêncio, o estranho fez o comentário que salvou o dia:

- Aquele era um burro muito inteligente!



DNA

Meus antepassados
Saíram da África
Há 60 mil anos
E chegaram no Brasil
Em 1824 depois de
Cristãos enganados

Ainda me chamam
De troglodita
E a resposta é fatal
Uma das minhas mães
Era Sapiens e o
Meu pai Neanderthal

PALAVRAS DA SALVAÇÃO



Aquela convenção bolsonarista estava repleta de candidatos. Mas também tinha um ser humano. Lá fora, cuidando do estacionamento.

- Quando Jesus voltar, vai levar todos os crentes da Terra.
- Maravilha! Pode ser amanhã?

O mais divertido nos xingamentos dos direitistas são erros de português.

Algumas pessoas famosas apresentam várias versões de si mesmas. Todas iguais.

Na eucaristia a Santa Madre Igreja obriga o fiel a comer a carne e beber o sangue de Cristo. Fica ruim pra quem não é canibal ou vampiro.

A polícia gaúcha criou protocolo pra pessoas desaparecidas. Até agora não encontrou o senador Mourão.

Zona de risco, mesmo, é quando o agiota te acha no cabaré.

O buraco de ozônio é o fiofó que a Terra tá abrindo pro sol entrar com tudo.

O futebol anda tão ruim, que o técnico pode demitir o Grêmio.

Solidariedade é tudo. Leite e Melo também são doadores de órgãos. Órgãos públicos.

A direita vai inovar nas próximas eleições. Vai lançar o votornozeleira.

Esta delicadeza foi ouvida no acampamento farroupilha: Mais grosso do que bosta de patrão do CTG!

Pixs

Qualquer ataque à política serve para o fascismo. Esvaziamento de debates e redução da propaganda eleitoral a um rosário de mentiras e manipulações só interessa à direita. Aliás, ela existe em função da negação da política e sua substituição pela violência. Forçar o debate e assim o fortalecimento da esgarçada esfera pública me parece ser a única tática inteligente da esquerda, infelizmente abandonada por preguiça ou por mimetização da estratégia da direita.

O custo moral humano com o extermínio palestino em curso em Gaza e na Cisjordânia por um estado terrorista, como foi a Alemanha nazista, será insuportável do ponto de vista da sanidade ética e mesmo psicológica. O inexorável genocídio, pela primeira vez acompanhado em tempo e com imagens reais, está produzindo uma ruptura emocional inédita, pela dimensão e velocidade, numa população exposta a uma violência além dos limites das defesas psicológicas. A agressão calculada cometida por Israel foi pensada para produzir reação contrária e, desta forma, garantir a permanência desta violência por tempo indeterminado. É possível afirmar sem errar que o antisemitismo é a moeda de troca do sionismo.

Eu sempre achei que é pai quem cria. Por isso, independente da filiação biológica, os bolsonaros' kids são filhos e isto é perceptível pelo caráter, comportamento e educação manifesta, em que pese as diferenças fisionômicas. Aliás, já perguntei aqui, onde estava o Conselho Tutelar do Rio de Janeiro enquanto este adulto assediador criou estas crianças? No entanto, nenhum deles tem apelido na mídia, suas fortunas são indiscutíveis e a vagabundagem elogiada.

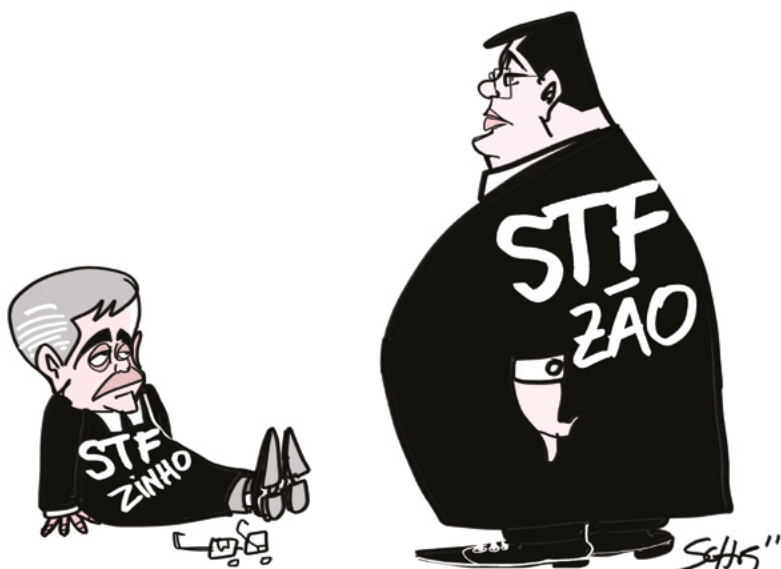
Li o Mendelski há pouco sobre os Conselhos Tutelares. O período de eleições é uma espécie de temporada de fim de incubação das larvas que vivem das migalhas da política. Tá, nem sempre migalhas. Neste período as larvas se remexem em seus casulos e se movem para fora para se alimentar na tentativa de virarem pupas. Para ganharem sua sazonal alimentação, elas, as larvas, precisam merecer. Isto é, precisam sacudir seus corpinhos de larvas para atrair comida. A forma de sempre é emitir sons de sintonia com quem as alimenta. É um período um pouco nojentinho, mas de muita atividade no ninho.

Me perdoem o excesso, mas sinto falta de um festival de Gramado, ou de Santo Ângelo, de charges e cartuns. Temos uma produção de nível internacional e produtores qualificados, criativos e atuantes. A exposição Charge Mestra está mostrando que existe público, apoiadores e artistas para garantir um evento que se imponha no calendário cultural do estado. Olá, Vitor Ortiz e produtores da cultura gaúcha, que tal dar uma provocada no prefeito da cidade missioneira que produziu pelo menos três cartunistas numa geração? Ou de Porto Alegre, berço de mais uma dezena de artistas?

Maravilhosa!

Embora seja avesso a hipérboles no jornalismo, as reservo para os autoelogios. Não consigo outra palavra para descrever a abertura da nossa exposição, minha, do Santiago e do Edgar Vasques, Charge Mestra, no Centro Cultural da Santa Casa, dia 20 de agosto. Com uma curadoria de luxo da Margarete Moraes e do André Venzon, suporte muito eficiente do Vitor Ortiz e de seu pessoal na produção, a exposição de três artistas, com dezenas de obras, se transformou, ela própria, numa manifestação artística. A cereja indispensável neste bolo foi a presença de amigos e amigas, público novo e parceiros nas lidas culturais que lotaram a sala de exposição e o living do Centro. Completamente afônico, em função do lançamento do meu livro e do Ernani Ssô, Democracia Por Um Fio, não resisti e sussurrei algumas palavras inaudíveis de agradecimento das quais destaco aqui apenas a honra de estar ao lado dos dois maiores desenhistas de humor do Brasil e do mundo, eles sim, mestres das charges.

quer que escreva?



A sunga e a faixa presidencial

Carlos Roberto Winckler

Circulou pouco a ilustração do senador amigo de miliciano, Flávio Bolso afrontoso candidato à Presidência, com traços que relembram algo da estética de Carlos Zéfiro – a alegria dos adolescentes de meados do século 20 – e dos gibis de Super Homem, o defensor impoluto do American Way of Life. Uma imagem congelada no tempo, uma distopia regressiva adequada nesses tempos de Trump e de Epstein, o defunto sedutor pedófilo e chantagista, promotor de festas da high society cosmopolita. Um dos tempos possíveis, o tempo das oligarquias brasileiras, da repetição do mesmo. Vorcaro que o diga.

O drama da burguesia é o controle do tempo. O tempo do fluxo cotidiano. O tempo do trabalho cada vez mais precarizado, das rotinas do que resta do capitalismo pós anos 30 do século passado, da crescente administração da subjetividade altamente monetizada pelas redes sociais, da sobrecarga de trabalho, dos clarões de lucidez e das pequenas alegrias. Um mundo de temores mal soterrados à beira de pânico existencial face às transformações técnicas, epidemias, crise climática. Um tempo transversal.

As receitas de administração à direita são variadas nesses tempos de crise do capitalismo como o conhecemos. A direita alternativa, um grupo heterogêneo que se diferencia do conservadorismo clássico, os chamados “libertários” defensores do “Estado Mínimo” com variantes neoconservadoras; os neorreacionários defensores da separação entre liberdade e democracia, que sacralizam a tecnologia e estados sob domínio empresarial; os ecofas-



cistas, que combinam defesa do ambiente com “pureza racial”.

Para as classes populares, frente à catástrofe reservam a fé religiosa encarnada em correntes neopentecostais.

Mas algo não pode ser mais negado: o caráter cego da lógica capitalista e a catástrofe climática que já chegou e atinge a todos os seres vivos do planeta. A elite empresarial dos antigamente chamados países centrais é consciente do fato. Se é impossível escapar dos limites do sistema solar, talvez a ocupação destinada a poucos da Lua resolva, ou, quem sabe, se enterrar em bunkers apostando na sobrevivência em caso de aceleração da crise climática ou de guerra nuclear como última alternativa.

Hollywood, em 2013 lançou o filme Elysium do diretor sul-africano Neill Blomkamp, inspirado em estudo da NASA da década de 1970 chamado Stanford Torus, com algumas adaptações. Elysium segundo a mitologia grega é a morada final no Mundo dos Mortos de guerreiros heróis. No filme, que se passa em 2154, a estação orbital Elysium é o refúgio de super ricos, qua-

se todos brancos em regime de apartheid. Na Terra, ecologicamente devastada, permanecem os descartáveis e trabalhadores, superexplorados de diferentes etnias. Esta é outra solução e cenário de poucas gerações.

Correntes fascistas neomalthusianas levantam a hipótese de que o planeta poderia ser ecologicamente factível com três bilhões de habitantes. E os outros seis bilhões? Gaza antecipa futuros massacres em escala inimaginável, a dessensibilização apesar das manifestações contra o genocídio, foi um primeiro passo. Por enquanto resta a guerra infinita – ainda convencional – contra os que tentam alternativas menos excludentes e que apostam em políticas compatíveis com a sobrevivência da espécie.

Há um mundo por vir? Assim se perguntam Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro em ensaio homônimo, onde analisam os discursos sobre “o fim do mundo”, enquanto se tenta por aqui implantar políticas de transição para um país no mínimo sustentável, tendo como adversários oligarquias cruentas e entregues ao gozo destrutivo de tudo..

O nome da ilha

O nome do livro é **O nome da ilha** (Casa de Astérion, 2026). Mas o nome da ilha nunca é dito. A. D. Cattani despista, para que a gente se dê conta apenas no fim do livro, quando a revelação da verdade é um rastilho de pólvora que queima de trás pra frente, iluminando o que ficou nas entrelinhas.

Sim, trata-se de uma novela policial. Mas esse e outros silêncios não têm nada a ver com os velhos truques do gênero. São astúcias da melhor literatura, vide Tchêkhov, Italo Svevo, Machado de Assis. Cattani ainda se dá ao luxo de ironizar vários clichês que caruncham tantos livros e filmes. Mais, como notou Giba Assis Brasil, no prefácio: Cattani subverte o padrão investigativo dos romances populares. Não importa quem matou e sim por que matou.

O livro se divide em duas partes. A primeira, “Uma história”, é uma espécie de sinopse do filme que é rodado na segunda, “A história verdadeira”. Ela dá, através de seus personagens fictícios, um vislumbre dos criminosos reais. Aí é que são elas: como a ilha, esses criminosos não têm nome, são membros anônimos de corporações. Quem tem nome são apenas os capangas.

Vamos voltar ao nome da ilha. Logo no começo, um personagem pensa que vai “até aquele lugar com nome errado, preferiria que se chamasse Almirante ou Comodoro alguma coisa, ou um sofisticado nome britânico, e não o de origem indígena, daquela gente que estava onde não deveria”. À primeira vista, isso parece apenas o viralatismo de um descendente de europeus, o desprezo pela terra e pelo povo que



sustenta sua riqueza. Mas, no final do livro, suspeitamos que se trata de uma mágoa mais profunda: não basta saquear e exterminar um povo, é preciso apagar seu nome de tal modo que pareça nunca ter existido.

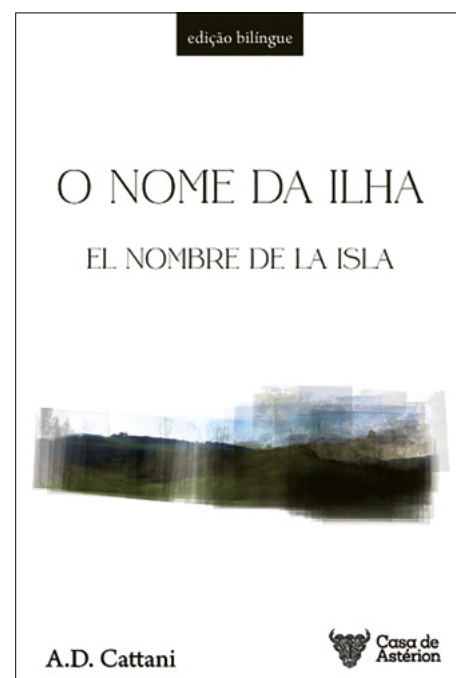
Isso, meus amigos, tem nome, e espero que vocês saibam qual.

Não devo falar mais claramente. Nada de spoiler, confere? Mas uma coisa eu posso garantir: ninguém casa no fim, nem é feliz pra sempre.

Ninguém tem tempo nem dinheiro pra acompanhar a literatura brasuca atual com, no mínimo, dez autores novos surgindo a cada mês. Um amigo me disse que grande parte dela gira em torno do umbigo dos autores e – que Deus me acuda – em prosa poética. Claro, eventualmente algum umbigo pode ser o motor de

uma obra-prima, mas estou mais interessado no que se passa ao redor do umbigo, a balbúrdia do mundo, suas belezas e suas crueldades. Quanto à prosa poética, o problema é que raramente é poética, ou raramente ultrapassa aquela velha cafonice do José de Alencar que compara as águas do mar à esmeralda líquida.

Nesse quadro em que predomina o umbigo poético, A. D. Cattani é um alienígena. Como sociólogo, publicou, nos últimos anos, **Ricos, podres de ricos** (Marcavizual/Tomo Editorial, 2017), **Cari\$\$imos ricos** (Tomo Editorial, 2019) e **A síndrome do mal** (Cirkula, 2020). Só pelos títulos dá pra saber que a barra é pesada. E a prosa, adianto, é seca, um direto no plexo. Em suas ficções, não trocou de tema, nem de estilo. Apenas buscou examinar o que escapa do escrutínio da sociologia. É uma aventura arriscada, mas, depois de ler **O nome da ilha**, a gente espera que ele dobre a aposta.



Vasques, Santiago e Schröder. Se fosse um trio de meio de campo, seria daqueles ao mesmo tempo combativo e criativo. Firmes e constantes na marcação implacável ao adversário, grandes dribladores e lançadores na hora de atacar e criar novas jogadas. Mas não jogam nada de futebol. O negócio deles é caricatura, política, cultura, desenho, arte, humor. Aí, sim, são craques há 50 anos.

Todo esse talento está em forma de charges, caricaturas e documentos na exposição Charge Mestra, aberta, com salão lotado, no dia 20 de agosto em Porto Alegre.

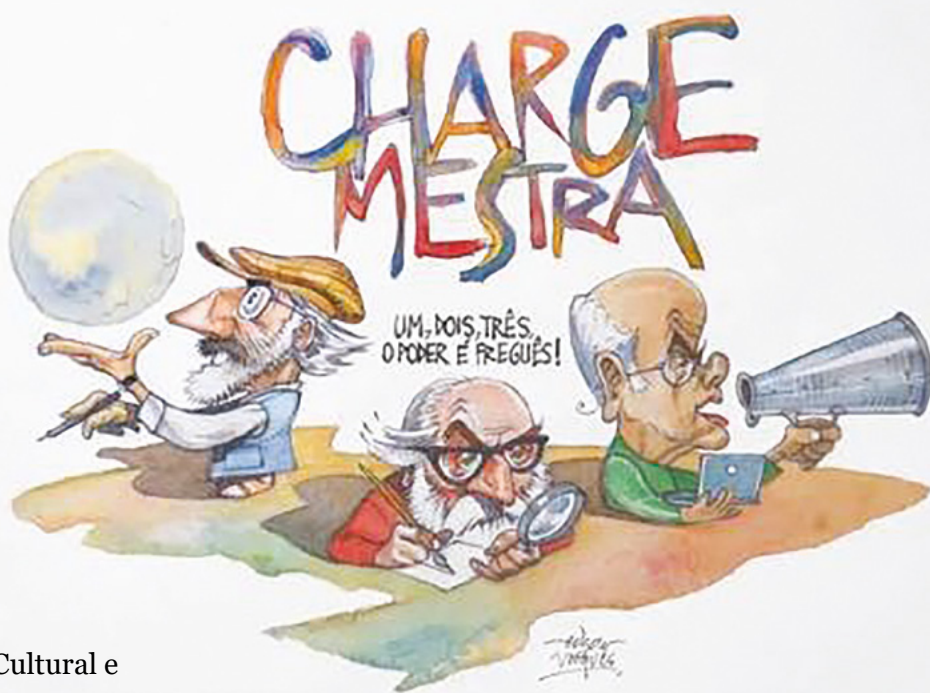
Curadoria de André Venzon e Margarete Moraes, financiamento da Lei Rouanet.

Apoio: CHC Santa Casa e Simpro.

Patrocínio: Zaffari; Realização: Voz Cultural e Ministério da Cultura - Governo Federal

O cartaz é do Edgar.

Local: Centro Histórico Cultural Santa Casa de Porto Alegre - Av. Independência, nº 75. De segunda a sábado, das 8h às 18h30min até dia 27 de setembro. Entrada grátis. Não perde essa.



Exílio no Chile

“Oi, gurizada medonha! Abram a mãozinha. Agora é sua vez de comprar meu livro-reportagem, O exílio brasileiro no Chile de Allende”. É o apelo de venda do Paulo de Tarso Riccardi. Ele falou com dezenas de ex-exilados brasileiros que moraram no Chile no governo de Allende. São 512 páginas de diferentes relatos e muitas revelações. O lançamento é no sábado 5 de setembro, às 16h, no Espaço Amelie. Contatos com o com o editor Thomás Vieira, pelo (51) 980-142-709, da editora Coragem

Por um fio

Já o Schröder “anda insuportável” (foi uma autoironia): além de compor o trio da Charge Mestra, fez três lançamentos do seu livro em parceria com o Ernani Ssó, Democracia por um fio: Porto Alegre (dia 20), Rio de Janeiro e Florianópolis. Em Porto Alegre, até o prefaciador Olívio Dutra apareceu na sessão de lançamento no Clube de Cultura. O livro é da Edições GRIFO e foi viabilizado por financiamento coletivo.

Punhado de poemas

Mais uma faceta do José Weis nas livrarias: Um punhado de sinais, livro de poemas pela Editora Bestiário. No final do ano passado, ele lançou O Alienista do Cati com tinta de jornal nos dedos (Carta Editora, Porto Alegre), biografia de Dyonélio Machado. No GRIFO, e em alguns jornais, ele é resenhista, na vida cotidiana, é jornalista e restaurador (livros e documentos); “José Weis nos convida menos a concluir um percurso do que a continuar um estado de atenção” comenta Roberto Schmitt-Prym, e completa: “Há livros que acumulam respostas. Este prefere colecionar indícios”. Celso Gutfreind tem razão: “Sorte a nossa de, como leitores, contar com poetas como José Weis, e poder manter o prazer de ler seus versos.”

Eu não me surpreendo com esses justos e positivos comentários porque conheço o José Weis há anos. Não sei o que ele prepara para o ano que vem, versos ou biografia, mas não duvidaria de crônicas, onde ele também é craque (Marco Schuster)

Museu de Musas

Outro grifeiro escritor é Carlos Castelo. Está lançando Museu de musas. Zeus deve ter gostado de ver a retomada da palavra “museu” como definição do lugar onde abrigava as filhas que ele gerou com Mnemósine, pois são poemas dedicados a mulheres. “Cada poema é, no fundo, um bilhete atrasado, uma carta que nunca cheguei a enviar” explica Castelo. “Escrevo com elas, não sobre elas”. Não se trata de repetir o passado, à moda Cazuza. Para ele, “um museu não guarda somente relíquias: preserva também o espanto. O pasmo de rever uma cor, uma voz, uma sombra que o tempo parecia ter apagado.” Editora Urutau. (Marco Schuster)

O mundo torna-se, cada vez mais, um enorme campo de concentração... inclusive de renda. (Celso Vicenzi)

Quando um pobre desobedece à lei, é crime. Quando os Estados Unidos desobedecem, é geopolítica. (Carlos Castelo)

Casar com separação de bens é uma autorização para ter amantes? (Celso Vicenzi)

Nenhum espanto diante de um candidato miliciano com um vice acusado de estupro e corrupção – a elite do Bananão nos desgastou através dos séculos. Vocês, não sei, mas eu não tenho mais força nem pra chorar. (Ernani Ssô)

A economia do futuro é a da atenção, cuja matéria-prima são, justamente, ingênuos desatentos. (Celso Vicenzi)

Bets poderão ser proibidas. Perder dinheiro continuará permitido, desde que pelos meios tradicionais. (Carlos Castelo)



Já tem candidato que se apresenta segurando cachorro. Em tempos de Expointer, pode aparecer gente segurando uma vaca. (Bier)

“Lulinha, o investigado”, é um filme que os principais veículos de comunicação do Brasil exibem, em reprise, todos os dias, às vésperas de uma eleição presidencial em que Lula é candidato, na esperança de derrotá-lo. (Celso Vicenzi)

Levanto todos os dias os meus olhos para o céu, em busca de uma solução. Um meteoro gigante! (Celso Vicenzi)

Se 1% das provas existentes contra Flávio Bolsonaro fossem contra Lula, a casa caía, evidentemente. Imagina então se Lula não fosse apenas um tímido reformista. (Ernani Ssô)

A Meta, do Zuckerberg, inventou o Reels pra ganhar mais rios de dinheiro. (Celso Vicenzi)

A humanidade ainda não perdeu o rumo. Só desligou o GPS para economizar bateria. (Carlos Castelo)

Se Flávio Bolsonaro vencer a eleição, o Brasil não vai baixar só as calças para os Estados Unidos. Vai baixar também as cuecas. (Celso Vicenzi)

Ao acabar com o diploma de jornalista, o STF, o relator foi Gilmar Mendes, atendeu um pedido da Globo e abriu as portas do inferno para o que estava represado pela formação universitária e resguardado pela FENAJ e seus sindicatos. Sabia-se que, desde o crime organizado aos pilantras de sempre, todos correriam em busca do título de jornalista que sempre foi uma chave para a possibilidade de um bom negócio. A crise do golpe da Dilma e a prisão do Eduardo Cunha suspenderam na Câmara a vitória estrondosa da FENAJ no Senado que restauraria a moralidade e a possibilidade dos jornalistas controlarem eticamente sua profissão. As novas tecnologias narcisistas e reguladas por um arremedo de controle que é o Código Civil da Internet são um campo fértilíssimo para a mentira e os interesses privados que seriam identificados e denunciados pelo jornalismo profissional. Reivindicar “liberdade de expressão” para o crime é continuar a sanha desreguladora reivindicada pela Globo e suas cúmplices. (Schröder)

Pelo trailer, Sérgio Moro será o novo governador do Paraná. Acho uma pena que o Dalton Trevisan tenha morrido sem escrever um conto sobre o conje, que se incorporaria com grande naturalidade ao maior elenco de canalhas da literatura brasileira. (Ernani Ssô)

O poder não sobe à cabeça. A cabeça é que desce ao nível do poder. (Carlos Castelo)



Tem candidato que mente. Compulsivamente. (Celso Vicenzi)

Em tempo: os canalhas do Nelson Rodrigues, além de serem em menor número que os do Dalton Trevisan, têm um toque folclórico e delatam o desejo do escritor de chocar, coisa que talvez indique outro desejo: uma pequena vingança moralista. Com o Dalton não tem conversa, é implacável como a natureza. (Ernani Ssô)

Perversa, controversa e que tergiversa, mas sai da conversa todo prosa. (Celso Vicenzi)

Nossas Forças Armadas são nacionalistas. Só falta definir de qual nação. (Carlos Castelo)

A sina do Paraná: um rato sucedido por um marreco. Tudo isso sob o aplauso de varejeiras. (Ernani Ssô)

O best-seller é um livro que encontrou muitos leitores. A obra-prima é um livro que encontrou o século errado. (Carlos Castelo)

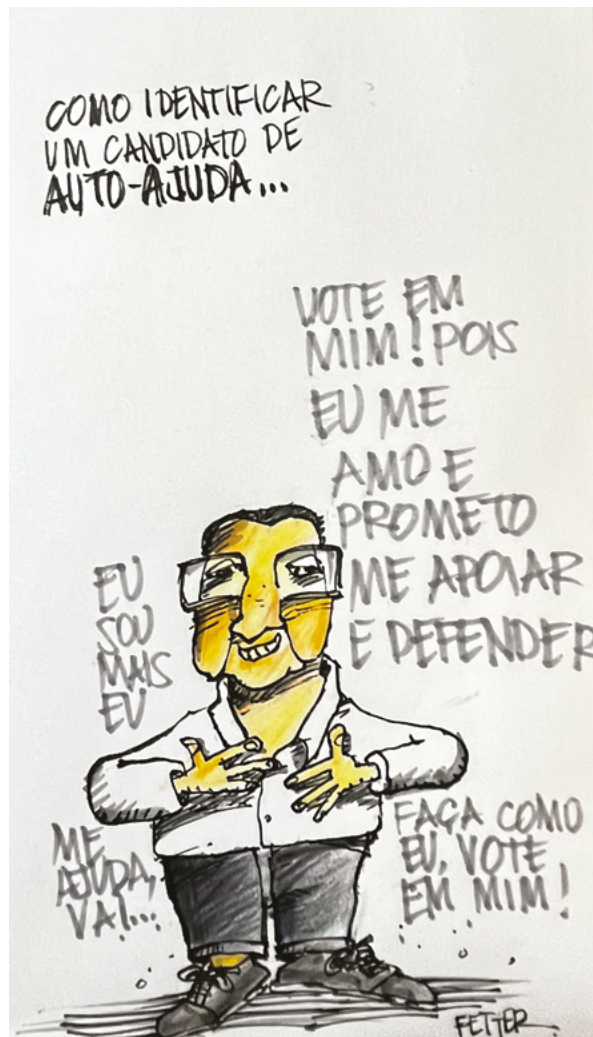
Assim disse o Barão de Itararé: Napoleão foi o primeiro louco que apareceu no mundo com mania de ser Napoleão. Depois vieram outros que foram muito melhores. (Mouzar Benedito)





PLANO?
NEM DE
FUGAS EU
TENHO

SCHROEDER





Frase escrita na fachada de um bar:
"Sozinho você não é nada. Nem corno".
(Ernani Ssó)

Civilização. Conjunto de barbaridades às quais damos nomes respeitáveis.
(Carlos Castello)

Sérgio Moro, em vez de levar no lombo um bom processo e provar no xilindrô a vida que desejou ao Lula, é candidato a governador. É a lógica da justiça do Bananão com as bandidagens políticas, ou você esqueceu Temer, Serra, Aécio e tantos outros? (Ernani Ssó)

Todos os corruptos felizes são parecidos; cada corrupto infeliz escolheu o advogado errado. (Carlos Castello)

Os EUA, nascido do roubo e da matança, se venderam por décadas como o modelo final de democracia, com a mesma tática hollywoodiana de impingir criminosos como heróis românticos. Israel segue os passos do mestre, mas me parece que o descaramento e a escrotidão deles já desgastaram um pouco a nossa capacidade de crença. (Ernani Ssó)

O mundo corporativo anda tão robótico que não demite mais as pessoas, desliga. (Carlos Castello)

O cara fala que vai combater o crime organizado. Ah, se quisesse fazer isso de verdade: conhece as milícias por dentro. (Mouzar Benedito)

Os judeus se declaram o povo escolhido por um ser inventado por eles mesmos. Freud perdeu um ótimo tema. (Ernani Ssó)

Temos liberdade de expressão. Falta agora arranjar alguma coisa para expressar. (Carlos Castello)

A imensa maioria dos donos das mídias, sobretudo a chamada "grande" mídia, desconversa, tergiversa, finge e faz de tudo para o eleitor, afinal, não compreender e responder à única pergunta que realmente interessa e faz toda a diferença na disputa política nacional: a eleição de qual candidato é mais compatível com um país soberano, mais humano, e que adotará políticas públicas que vão favorecer mais a quem ganha menos e impor um ônus maior a quem ganha mais? (Celso Vicenzi)

Um tal de Hiago, com H, atacou Eduardo Peninha Bueno em Caxias do Sul. A vida está me colocando cada vez mais ao lado do jornalista que compôs a tropa de destruição da ZH comandada pelo Augusto Nunes. Peninha inclusive ensinou para a turba que o nome do agressor ou era um erro ortográfico e histórico, ou uma vingança velada dos pais. Iago é o nome do vilão shakespeariano assumido pelo vilão caxiense. Nem o H disfarça. (Schröder)

Bolsonarista é um colosso!

Por que votar no filho?
Saudade da sopa de osso!

Lê e não entende a Bíblia
Mas com ela se satisfaz:
Ciência é coisa do satanás

Que desconsolo!
Não adianta argumentar
Com gente sem miolo!

Brazil com z, isso mesmo,
Assim sonha o patriotário,
Lamber botas é seu fadário!

E não se esqueça:
Camarão também tem
Merda na cabeça.

Renan com sua Missão...
Quem finge ter desbozado
Tem agora uma opção!

O mundo vai se acabando
E o que faz o tal agro?
Cada vez mais, acelerando.

O Laranjão ameaça Omã!
Sua especialidade é a mesma
Dos discípulos de Onã!

Guerras, roubos, furtos...
Babaca em eterno surto
Faz pose de pavio curto

Gosto de rabo de saia
E odeio uma das suas rimas
Credo em cruz, Malafaia!

Faz da igreja tribuna,
Pede grana pra Jesus
E aumenta sua fortuna

Jogada de mestre: o monoteísmo judaico garantiu que outros povos não pudessem se dizer favorecidos por outros deuses. (Ernani Ssó)

Todo tirano sonha com o povo unido. Em especial, contra o pensamento. (Carlos Castelo)

Seios e bundas são a triste prova da força implacável da gravidade e uma mãozinha do tempo. Bom não esquecer outra prenda anatômica que fica cabisbaixa devido ao mesmo fenômeno. (Ernani Ssó)

O ser humano tem uma extraordinária capacidade de adaptação. Principalmente ao que deveria mudar. (Carlos Castelo)

Se você pesquisar na internet, vai se deparar com a negativa enfática de que Menechem Begin não disse esta barbaridade: "A nossa raça é superior. Nós somos deuses divinos neste planeta. Nós somos diferentes das raças inferiores porque elas vieram dos insetos. De fato, comparados à nossa raça, outras raças são bestas e animais, gado, no máximo. Outras raças são consideradas excremento humano. Nosso destino é controlar as raças inferiores. Nosso reino terrestre [o planeta terra], será controlado por nosso líder com mão de ferro". Se você pesquisar sobre a vida do gajo, vai descobrir que suas ações combinam direitinho com essas palavras. (Ernani Ssó)

Muito interessante: pros outros, propõe prisões como a de El Salvador, gente engaiolada e maltratada em poucos metros quadrados, comida péssima, sem nenhum direito. Pro papai, tadinho, é uma tortura prisão domiciliar em casa de 400 m² em terreno de 795 m², com piscina, comida farta, a mulher presente, empregadas, atendimento médico cotidiano... (Mouzar Benedito)



Há pessoas que pensam fora da caixa. Outras passam a vida decorando a embalagem. (Carlos Castelo)

Tenho visto cada vez mais gente dizendo que os alienígenas vivem entre nós e estão nos ajudando. Que vivam entre nós, vá lá, mas cadê a ajuda? (Ernani Ssó)

Nunca houve tantos mapas para lugar nenhum. (Carlos Castelo)

Eu encontrei Jesus – sim, no Rio de Janeiro. Confesso minha covardia, saí de fininho. Achei o cara grande demais e me pareceu que não estava se espreguiçando, mas pronto pra me abraçar. (Ernani Ssó)

Prometer um futuro ao país é fácil; difícil é explicar o passado. (Carlos Castelo)

A imagem mais triste pro fim do mundo que consegui pensar: Jesus não voltou, os alienígenas não nos salvaram e aí uns poucos sobreviventes se reúnem em volta de um pneu, pra rezar entre os escombros, diante de um quartel. (Ernani Ssó)

O efeito El Niño costuma acontecer nove meses depois de não usar a camisinha. (Mouzar Benedito)



Lei, pra quê?



Desde criança que ouço a frase, lei tem, mas não pegou. Antigamente se achava graça, mas hoje, certas leis fazem uma falta enorme apesar de existirem. É lei para criança e idoso, lei para mulheres, lei contra as armas, contra a violência, lei de proteção, muita lei para pouca consciência de seu uso.

A judicialização que vivemos hoje na política acaba se justificando porque descobrimos, no descumprimento da lei, que existe lei pra tudo. O Congresso teima em legislar contra o que já existe, em quebrar o que diz a constituição sobre o funcionamento do país. O que acontece? O STF é acionado e vemos que mesmo sendo contestada a lei existe para colocar ordem no pedaço. Passamos hoje a ouvir que tal decreto ou PEC foi instituído, mas não passa no Supremo. Chato viver assim. Não sabemos afinal que leis existem e que leis valem para o uso diário. Na realidade, o que mais vemos é o não cumprimento das leis e a validade da transgressão, até que seja julgado pela enésima vez o recurso, impenetrada por quem quer burlar a lei.

O ex-governador do RJ Claudio Castro aparecia como candidato nas próximas eleições mesmo estando cassado. Garotinho se pronuncia como candidato à presidência e o TSE repete que ele está inelegível. Outros tantos políticos insistem na candidatura mesmo que os crimes praticados os tenham tirado da disputa. Parece que a lei não existe e enquanto os recursos correm eles continuam aproveitando de todas as benesses que a própria lei permite para os candidatos.

Agora vemos que Pablo Marçal, mesmo considerado pela lei como inelegível, se apresentou como candidato pelo PRTB, partido para o qual voltou através de um recurso à lei. Esse desrespeito à sentença assim na cara de pau é sustentado pela própria lei que permite todos esses recursos. Até que o seu seja julgado pela comissão especial de candidaturas, Pablo Marçal continuará usando dos privilégios que a lei prevê. Verbas para candidaturas, horário de TV e outras coisas mais até que o tribunal decida pelo óbvio e

ele pare de atuar. Jair Bolsonaro, ex-presidente e julgado e condenado por tentativa de golpe, figurou durante muito tempo como candidato. Agora não dá mais, apesar de ele aparecer em vídeos de IA como se a lei que regulamenta isso não existisse. E existe? Sei lá. O que sei é que parece que as leis são inventadas para serem transgredidas. Aliás, como tudo neste país. A lei do silêncio para se descumprir fazendo barulho, a lei que protege as minorias para serem transgredidas em atitudes normalmente violentas que atacam mulheres, trans e negros.

Quanto mais a lei é abrangente e moderna, mais a criatividade gera novas maneiras de burlá-la. Nos acostumamos a esse embate e depois dizemos que o país está judicializado. Não há democracia que se sustente sem um ordenamento jurídico forte. A nossa tão combatida pela extrema direita resistiu bravamente amparada pela união dos poderes fundamentais para a existência do sistema democrático ou da democracia. Que continue assim.

PRETA ROZA, UMA HISTÓRIA POSSÍVEL

ALISSON AFFONSO

